

Escrever

Francisco Bosco

Volta e meia, em conversas ou entrevistas, sou interpelado por essas duas perguntas fundamentais: por que e para quem escrever? Que nunca me tenha sido feita a pergunta "por que ler?", não me causa espanto. O filósofo Michel Tournier dizia que aquele que não é capaz de admirar é um miserável. Nelson Rodrigues arremataria a seu modo: um tal ser está prestes a cair de quatro, como uma besta. Ler nos dá instrumentos para admirar o mundo, para conhecê-lo de modo mais penetrante, complexo, tornando-o por isso mais interessante. As coisas não têm um valor por si mesmas; é preciso ter força de percepção para lhes atribuir valor, para enxergar nelas a beleza, a grandeza, a profundidade. Ler nos propicia uma percepção das coisas na qual se possa fundar a admiração.

E um mundo admirado, por sua vez, é um mundo erotizado. Isso quanto a ler. Mas e escrever? Aqui a resposta, para mim, já não é tão evidente.

Para começar, trata-se de uma atividade que sofre de certo mal-estar quanto a seu reconhecimento social. Todo escritor tem a súbita revelação desse fato ao preencher a ficha de registro no check-in de um hotel: o que colocar no campo "profissão"? Escrever não é bem uma profissão sob muitos aspectos: não exige o aprendizado de uma técnica (e sim sua invenção), não torna evidente o domínio dessa técnica (a não ser para leitores que saibam reconhecê-la), nem tampouco é evidente a necessidade social dessa técnica (sua importância é a princípio existencial, e só indiretamente social: oferecer aos cidadãos instrumentos para o desenvolvimento de sua capacidade de criticar e admirar). Por tudo isso, tal técnica é quase sempre mal remunerada.

De uma perspectiva pragmática, portanto, não é de se estranhar que os escritores sempre se vejam diante da pergunta "por que escrever?". Sua resposta deve ser buscada em outro âmbito.

Num belíssimo ensaio, o filósofo Giorgio Agamben afirma: "Escrevemos para nos tornarmos impessoais." O que isso quer dizer? Segundo o filósofo, cada sujeito é formado por duas dimensões, uma pessoal, outra impessoal.

A pessoal é o Eu, a consciência, a identidade; o que em nós é constituído, sabido, reconhecido. A parte impessoal é o que, "em nós, nos supera e excede", é o que nos revela "que nós somos mais e menos do que nós mesmos", é uma "zona de não conhecimento" em nós mesmos. Essa impessoalidade constitutiva de toda pessoa, Agamben argumenta que ela é chamada, desde a antiguidade latina, de "Genius", de onde vem nosso "gênio".

Genial, assim, é essa passagem aberta, dentro de cada pessoa, à impessoalidade. Explico. Quando alguém está dançando, o corpo lançado ao sentido da música, o eu esquecido de si mesmo esse alguém está na dimensão impessoal, está "genial". Quando se faz uso de uma droga, de um alterador de consciência, e se sente o eu distanciar-se, a identidade enfraquecer-se, cedendo lugar a outro registro, isso é "genial".

Ora, a criação artística exige uma passagem do eu a esse outro que o habita, a seu gênio (as musas, evocadas pelos poetas antigos, são outro modo de entender essa exterioridade que nos inspira). Daí que, na língua corrente, genial tenha se associado sobre tudo à figura do artista. A genialidade define um modo de vida em que o eu se disponibiliza a desconhecer-se: "Viver com Genius significa viver na intimidade de um ser estranho, manter-se constantemente vinculado a uma zona de não conhecimento.

" Para mim, é por isso que se escreve, ou, ao menos, é por isso que escrevo: para transcender os limites tediosos, neuróticos do meu eu. Se há uma saúde em escrever (que sob tantos outros aspectos parece ser uma prática doentia), ela está aí, no sair de si. É uma forma de limpeza do eu. Sobre essa passagem à alteridade, deixo soarem os belos versos de Antonio Cícero: "Não se entra no País das Maravilhas/ pois ele fica do lado de fora,/ não do lado de

dentro. Se há saídas/ que dão nele, estão certamente à orla/ iridescente do meu pensamento,/ jamais no centro vago do meu eu.”

Falta-nos ainda responder à segunda pergunta: para quem escrever? Gosto sempre de lembrar, a propósito, a boutade de Tom Zé:

“Toda vez que ouço falar em público alvo me abaixo, com medo de levar um tiro.” Não é por acaso que essa expressão pertence ao campo da publicidade.

As coisas não são tão puras quanto alguns teóricos creem, e sob alguns aspectos a publicidade pode se aproximar da arte. Mas quando se fala em “público-alvo” a diferença é enorme. Um alvo é aquilo que se deve, primeiro, identificar, marcar, para depois atingir. A publicidade está interessada, portanto, na parte do eu que é o eu: ela mira o que, no sujeito (ou consumidor), é identificável, o que se pode saber sobre ele, sobre seu desejo, para lhe oferecer o que ele espera. A publicidade, assim, diz respeito ao que o sujeito é. A arte (como o pensamento) está interessada no que o sujeito pode ser.

Ora, todo mundo, potencialmente, pode ser o que não é. Todo mundo pode ampliar se, desconhecer-se, para reconhecer-se maior.

Deve se escrever mirando essa negatividade, isto é, procurando uma linguagem que ativará, as pessoas, o que elas não são. É por isso que só se pode aspectos sociológicos provisoriamente descartados escrever para Ninguém. Ninguém é a parte impessoal que pode ser ativada em cada um. E é por isso que qualquer grande escritor, apesar dos equívocos pseudo democratas, escreve para todos.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 15 set. 2010, Segundo Caderno, p. 2

A utilização deste artigo é exclusiva do www.ips.com.br